

A PERSONAGEM JOSÉ BUCHMANN EM *O VENDEDOR DE PASSADOS*, DE AGUALUSA, E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE ANGOLA

Leonardo Ferrari (UEM), e-mail: ra84828@uem.br; Prof.^a Dr.^a Érica
Fernandes Alves (Orientadora), e-mail: efalves@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciência Humanas, Letras e
Artes, Maringá, PR.

Área: Letras / Subárea: Línguas Estrangeiras Modernas.

Palavras-chave: Stuart Hall, Pós-Colonialismo, Literatura Angolana.

Resumo: Angola foi uma colônia portuguesa; o processo de independência do país africano, porém, ocorreu há menos de cinquenta anos. Adjacente a esse cenário, a Literatura Pós-Colonial desempenha um papel importantíssimo na emancipação de uma cultura anteriormente subjugada a valores europeus. Nesse contexto, este trabalho de cunho qualitativo e bibliográfico procura, amparado pelas teorias pós-coloniais de Stuart Hall (2019), Thomas Bonnici (2012) e Bill Ashcroft (2001), refletir sobre a personagem José Buchmann no romance *O vendedor de passados* (2004), do escritor angolano, José Eduardo Agualusa, e sua relação com a constituição identitária do povo angolano. Ao relacionar os elementos narrativos ao material teórico, é possível criar um paralelo entre o passado recente de Angola – país que sofreu com uma extensa guerra civil – e o desenvolvimento narrativo da personagem foco desta análise, a qual representa um complexo processo de constituição identitária que, mesmo focado na cor local angolana, possui na universalidade temática sua força.

Introdução

Analisar a personagem José Buchmann na obra *O vendedor de passados*, a fim de construir um paralelo com a construção identitária de Angola e sua história, mostra-se o objetivo primordial deste trabalho. O escopo narrativo permite a utilização da teoria pós-colonial e seus estudos sobre os efeitos da colonização e a criação da identidade do sujeito após a ruptura com o colonizador para analisar a personagem selecionada. Angola mostra-se um grande exemplo das consequências do colonialismo europeu e a busca por uma identidade nacional a partir de seus sujeitos. O livro *O vendedor de passados* (2004) foca-se justamente nesse ponto com uma narrativa cheia da ironia de Agualusa.

A questão da identidade perpassa desde a criação do eu individual ao desenvolvimento e manutenção da identidade cultural de uma nação: sua origem, seus heróis, seus estereótipos. São esses alguns dos muitos

elementos que fazem de um francês, um francês; de um chinês, um chinês; de um angolano, um angolano.

Nessa perspectiva, os atuais países africanos formaram suas identidades a partir de um caldeirão em que se misturaram o perfil do colonizador e as diversas facetas étnicas que, a partir da Conferência de Berlim em 1884, passaram a ocupar as mesmas fronteiras. A literatura pós-colonial é, nesse contexto, a literatura produzida pelos povos conquistados pelos europeus. Segundo Bonnici (2012, p. 232), “a emergência e o desenvolvimento de literaturas pós-coloniais dependem de dois fatores importantes: (1) a progressão gradual da conscientização nacional e (2) a convicção de serem diferentes da literatura do centro imperial”. Em *O vendedor de passados*, Agualusa conversa sobre o processo de criação identitária de Angola ao fundir elementos históricos à diegese da obra.

Materiais e métodos

Paralelamente a um breve panorama sobre a história de Angola, relacionado sobretudo à guerra civil que assolou o país, com o intuito de encontrar aproximações com a evolução da personagem José Buchmann, faz-se necessário também observar os recursos estéticos e literários utilizados por Agualusa para constituir a personagem José Buchmann para, em consonância com os estudos sobre identidade pós-moderna de Stuart Hall (2019) e as discussões sobre pós-colonialismo de Thomas Bonnici (2012), Bill Ashcrof (2001) e de comunidade imaginada de Benedict Anderson (2008), identificar os elementos da constituição da identidade e discutir a construção identitária geral de Angola, pilar desta análise qualitativa e bibliográfica.

Resultados e Discussão

Apesar de Félix Ventura ser o protagonista da história narrada pela osga, José Buchmann possui um espaço considerável ao longo da narrativa e é a representação do trabalho do vendedor de passados. Já no terceiro capítulo, após um vislumbre de quem seria Ventura e do seu espaço domiciliar, é apresentada um personagem alto, com bigode, olhos pequenos e branco. Este homem, que posteriormente receberá o nome de José Buchmann e um passado remodelado, apresenta-se misterioso, não diz seu nome e apenas salienta que teve “muitos nomes” e que gostaria de “esquecê-los a todos” (AGUALUSA, 2018, p. 24). A menção a vários nomes indica justamente a identidade plural dos sujeitos oriundos de nações que passaram pela colonização, relacionada à fusão cultural inerente a esse processo. A necessidade, aqui a vontade do estrangeiro, de se transformar em algo novo resguarda similaridades com o próprio discurso de Fanon (1968, p. 26): “A descolonização é, em verdade, criação de homens novos”.

Todo o processo de esquecer suas origens e de utilizar uma máscara identitária é comum aos sujeitos colonizados, como bem salienta Anderson

(2008, p. 278): “Todas as mudanças profundas na consciência, pela sua própria natureza, trazem consigo amnésias típicas”. Paralelamente à personagem e à diegese da obra, a guerra civil que assolou a nação angolana durante vários anos não é necessariamente esquecida – o livro foco desta análise é um lembrete, por exemplo –, mas sempre há a criação de “outra espécie de homens” (FANON, 1968, p. 25) durante e após o processo de descolonização, o que interfere na própria percepção histórico-identitária de um sujeito. A narrativa de *Aqualusa* desenvolve a questão identitária da personagem José Buchmann a partir de outras três figuras: sua mãe fictícia criada por Ventura, Ana Lúcia e um misterioso homem, Edmundo Barata dos Reis.

A ‘mãe’ de José Buchmann, matriz geradora da personagem, fundamenta-se em duas características primordiais: a criação de um “mito fundacional” (HALL, 2019, p. 33) e a “invenção da tradição” (HALL, 2019, p. 32). Em primeiro plano, o mito fundacional está relacionado, como o próprio termo sugere, a uma base constitucional mais ampla do sujeito; é “uma história que localiza a origem de uma nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo” (HALL, 2019, p. 33). Buchmann sabe da existência de sua mãe, mas não consegue literalmente alcançá-la, pois ela está distante e não há nenhum elo que permita à personagem resgatá-la totalmente. A narrativa de Buchmann é alicerçada em um mito de origem que pode auxiliar povos desprivilegiados a encontrarem um norte em sua construção identitária (HALL, 2019); é fornecida, assim, “uma narrativa através da qual uma história alternativa ou uma contranarrativa, que precede as rupturas da colonização, pode ser construída” (HALL, 2019, p. 33). Buchmann agora está dentro de sua própria fábula e é consumido pela força que ela tem.

Outra personagem torna-se importante para fortalecer a figura de José Buchmann e a futura ruptura de sua identidade: Ângela Lúcia. Descrita pelo narrador como uma “mulher jovem, de pele morena e feições delicadas, finas tranças negras à solta pelos ombros” (AGUALUSA, 2018, p. 59), a personagem feminina – assim como a mãe fictícia de Buchmann – está relacionada a um evento passado conturbado pelo qual a personagem-foco desta análise passou. Se *Aqualusa* utiliza em pontos-chave da narrativa metáforas relacionadas à água, a luz e as nuvens passam a ter um protagonismo maior quando Ângela Lúcia é apresentada ao leitor. Ângela Lúcia, posteriormente desnudada como filha de José Buchmann, é descrita como “fruto dos anos difíceis” (AGUALUSA, 2018, p. 131). Ao contrário de Eva Miller, contudo, Lúcia não é uma invenção de Ventura e está relacionada ao passado trágico de Buchmann com Barata dos Reis.

A relação entre a narrativa de *Aqualusa* e a personagem de Buchmann estreitam-se ainda mais com o passado recente de Angola no momento que Edmundo Barata dos Reis afirma que devia ter matado José Buchmann em 1977 e o chama de fracionista, referência direta a um grupo político perseguido pelas forças governamentais de Agostinho Neto. Em um período de aproximadamente dois anos, milhares de angolanos foram

torturados e mortos; é nesse contexto que Gouveia (verdadeiro nome de Buchmann) estava inserido. Ainda hoje é considerado um tabu na história recente do país africano.

Buchmann é descrito em determinada passagem como “preso entre Ângela, à sua frente, e Félix, que, por trás, segura os braços” (AGUALUSA, 2018, p. 176). É nesse momento simbólico que a personagem precisa compreender o que se passou em seu passado para, depois, conseguir seguir com sua nova identidade – que ainda pode passar por diversas mudanças –, criada por Ventura. A ruptura pela qual Buchmann precisa passar está estritamente relacionada ao próprio processo de constituição identitária na modernidade.

Conclusões

O vendedor de passados, de José Eduardo Agualusa, utiliza a cor local angolana para retratar aspectos fundamentais da formação do povo desse país africano. A personagem José Buchmann é entrelaçada aos acontecimentos que ajudam a compreender determinados aspectos da construção identitária de um país com menos de cinquenta anos de independência. A narrativa de Agualusa, com toda sua criticidade, permite uma ampla reflexão sobre a falsa sensação de existência de uma identidade imutável e a própria relação que um sujeito pode desenvolver com sua identidade.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Érica Fernandes Alves, pelo suporte durante a elaboração do projeto de iniciação científica e à comissão organizadora do 29º EAIC pelo espaço concedido para a exposição deste trabalho.

Referências

AGUALUSA, J. E. **O vendedor de passados**. 1. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BONNICI, T. **Teoria e Crítica Pós-Colonialistas**. 2. ed., Maringá: Eduem, 2012.

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

29º Encontro Anual de Iniciação Científica
9º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



29 a 31 de outubro de 2020

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 12. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2019. 64 p.